

# A VELHA GUARDA

Órgão local do Partido Republicano Portuguez

Editor:

AGOSTINHO F. ROCHA

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA ELIAS GARCIA, 10 — Composto e impresso na Tip. de AVELHA GUARDA — Rua Elias Garcia, 45 GUIMARÃES

## RESERVANTES

Deveremos responder a essa miséria que a papelleta publicou no dia de S. Martinho?

Para que? Porventura essa coisa, sem gramatica e sem nome, que faria reprovar mil vezes um menino de instrução primaria, divertindo porcaria por todas as folhas, terá provocado alguma impressão no publico, que não seja de horror e de nojo pela dissidência?

Mas, analisemos.

Passemos em claro tudo quanto no artigo ha de palavrório insultante e regateirão, e vejamos o pouco que resta.

Repetem eles: que nós não provamos as acusações que lhes são feitas e que não citamos nomes.

Quanto a citação de nomes, mentem, descaradamente, como sempre. Embora consideremos os actos praticados por qualquer dissidente, da responsabilidade de toda a dissidência, enquanto os não renegar, aqui tem-se citado nomes. Não será preciso a consulta de muitos números deste jornal para neles encontrar, por exemplo, os do Dr. Moreira Sampaio, A. L. de Carvalho e João Almeida, a tripeça que dirige a dissidência. Mas mesmo que os não citássemos, ninguém ignora que a responsabilidade de todos os crimes e vergonhas da dissidência cai inteira sobre toda ela, e toda ela vêem a ser os membros constitutivos da sua comissão dirigente, cujos nomes a papelleta em tempos publicou. Ha apenas que excluir alguns que, cuidadosos, se souberam afastar de tal gente.

Quanto á prova das acusações que se lhes fazem, ella está nos proprios factos que as constituem.

Que foi a dissidência que fez desaparecer o processo de Góddomar, no qual era gravemente comprometido o seu amigo Adolfo Antunes, não trepidando em acusar desse crime o proprio funcionario, que tinha mostrado todo o interesse em o organisar, isso resalta claro como água da exposição que fizemos aqui, minuciosa e completa, da forma como os factos se passaram.

Que foi a dissidência que gastou em seu proveito os milhares de escudos que extorquia ás casas de jogo de Vizela e Guimarães, isso está mais que provado pela própria dissidência que deles não vem dar contas. Receberam ou não receberam o dinheiro? Onde está ele? Não aparece o dinheiro, não dá contas dele, portanto é porque fala verdade quem

diz que o gastaram em grandes fantázes e passeios de automovel.

Que ha grossos escândalos na grande negociata do açucar, basta, para que ninguém de tal divida, que a dissidência não tenha vindo, como ainda não veio, publicar todas as contas referentes a essa pouca vergonha, contas documentadas e claras, pelas quais, pelo menos, se prove que mentem os proprios carreteiros que dizem, por exemplo, pois ha muito mais, que levaram sacos de açucar para casa do dr. Moreira Sampaio, a quem o rapazio já alcauba de Papa Açucar.

Se houvesse vislumbres de dignidade da parte da dissidência e, realmente, fôsem falsas as acusações que correm por todo o publico de Guimarães, e de que nós simplesmente nos temos feito eco, já ha muito que essas contas teriam aparecido, senão para mostrar a legalidade da negociata, porque tal é impossível, ao menos para que se não duvidasse de honestidade pessoal de quem nessa negociata anda metido.

Querem provas? Infelizmente estas bastam para toda a gente de consciencia, que viu que, só depois da nossa campanha, é que a dissidência veio confessar que havia grossos lucros, illegalissimos, na primeira negociata de açucar, mas duma forma que ficamos sem saber se só esses lucros haveria e se outros ainda não ficaram sonnegados, como sonnegados estavam os que, depois da nossa campanha, confessaram.

Que não roubaram a mobilia do Centro? Mentem, descaradamente. Esseroubo fez-se com tanto escândalo, que ninguém o ignora. Serviram-se duma chave falsa para entrar no edificio do Centro e de lá retiraram uma mobilia pertencente ao Estado e pela qual ainda hoje é responsavel a pessoa a quem o Estado alugou. Roubaram-na e não de responder por esse roubo, sem que para nada lhes valham amizades que estão dando muito na vista. Mentem, descaradamente, dizendo que essa mobilia estava sendo, abusivamente, utilisada pelo Centro Republicano, donde ainda não foi expulso o sócio que já em publico confessou ser o autor do crime cometido.

Essa mobilia foi alugada pelo Estado ao sr. Manoel Ferreira Guimarães, que a recebeu, devidamente relacionada, e que por eia ficou responsavel. O contracto de arrendamento, está em pleno vigor, foi feito em forma legal e autorisa o arrendatario a sublocar, condição de que este se aproveitou a favor do Centro

Republicano. Não existem decretos que contrariem isto e, que existissem, não teriam valor juridico nem podiam ser cumpridos, desde que não tivessem força de lei.

E, feita esta análise á miséria que a papelleta publicou, analise que nos obrigou a mais uma vez demonstrar o que já tantas vezes demonstramos, a imbecilidade e a falta de honestidade da dissidência, sem que, para tanto, tivéssemos de receditar todas as acusações de que ella é ré, mas somente aquelas a que ella se referiu, que resta fazer ao artigelho?

Pôr em destaque a desvergonha com que veem dizer que não atacam vidas intimas, no proprio jornal em que fazem as mais vis insinuações dessa natureza, e no numero subsequente áquele em que anunciam, com grande pompa, campanhas dessa ordem? Para que, se o publico tem olhos como nós, para vêr, para compreender e consciencia para os desprezar?

A porcaria, em que, na dura missão de esclarecer os factos, estamos mexendo, termina por negar que a dissidência tivesse oferecido votos a M. Felgueiras para que fôsse eleito por outro circulo. Mentem a dissidência. Fez mais do que oferecer votos: chegou a garantir a eleição daquelle nosso correligionário por Felgueiras, caso por lá quizesse apresentar a sua candidatura. Esta fantorranada, que fez rir os que ouviam o preopinante de Jugueros, é um facto que pode ser testemunhado por pessoas honestas que assistiram á reunião em que ele se deu.

E... o artigelho não dá para mais; o resto é a porcaria do costume; lama, muita lama contra alguém que os despreza, que deles se ri, e que eles estão levando a uma altura maior do que a que, porventura, corresponde aos seus merecimentos, tal é o contraste entre a baixesa de conduta dos que hoje estão fóra da sua direcção com a obra sempre honesta, digna e serena, obra de que ainda hoje se sentem efeitos benéficos e que já temos ouvido, á gente do povo, lembrar com saudade, daquelle que tantos os incomoda, que tanta sombra lhes faz, e que é tão forte, que tiveram eles todos de sair dum Partido, donde impossivel lhes foi escurtaçalo.

E, para mais não dando o artigelho, preguntamos a nós proprios: valerá a pena responder a estas porcarias?

## Situação grave

As classes trabalhadoras deste concelho começam a movimentar-se, pois não podem suportar mais a carestia extrema a que a vida chegou.

O movimento que iniciam já devia ter começado ha mais tempo. Movimento bem orientado, dentro da lei e da ordem, pois que greves e assaltos são lenha que illa atear a fogueira que as consome, mas energico, decisivo, com um plano bem estudado e de alcance mais vasto do que o dum fútil alivio de alguns dias, esse movimento, tal como o queríamos, já agora devia estar numa fase de maior avança. E, assim, com certeza que não teriamos hoje o milho a 7750, e, por grande favor!

Mas, parece que as classes trabalhadoras confundiram nas autoridades, como se isto que para si vejeta se pudesse comparar em prevalencia e dedicaçao social com as campanhas anteriores, e o resultado foi chegarmos ao estado em que nos encontramos.

A Câmara que, em lugar de açucar, poderia ter comprado todo o milho do concelho, e ainda o que sobrasse dos concelhos limítrofes, não tem um unico greiro!

E, mais, ás autoridades importa tanto o bem do povo, que deixam sair para outros concelhos o milho que neste se produz!

Que cuidado lhes poderá dar isso a ella, desde que cá fique o açucar...

Ora se os operarios se tivessem mexido a tempo, teriam obrigado a Câmara a comprar todo o milho do concelho, por preço razoavel, que poderia ser fixado por uma comissao em que estivessem representados os lavradores e operarios. Teriam obrigado as autoridades a impedir que para outros concelhos seguissem os géneros aqui produzidos, que nos fazem falta. Teriam conseguido assegurar, tanto quanto possível, o abastecimento deste concelho, promovendo a compra de géneros em outros onde eles sobram.

Ponham os operarios os olhos na Cooperativa que ali ha. Não tem ella fornecido aos seus sócios azeite, sempre, e por preço inferior ao do mercado, quando no mercado ele, raras vezes, aparece? E porque? Porque soube prevenir-se a tempo, porque a sua direcção teve o cuidado de zelar os interesses dos seus sócios.

Ora a Câmara poderia e deveria ter feito para os seus municipios o que a direcção da Cooperativa fez para os seus sócios.

Citamos o azeite como poderíamos citar qualquer outro género. Já que os operarios, gastando o dinheiro das suas associações em palavrados politico-socialistas e na fomentação de greves que, quanto melhor succedidas, mais os prejudicam, não podem realizar os capitais necessários para uma grande cooperativa de consumo, e esse deveria ser o seu ideal, obriguem a Câmara a subs-

tituolos, que a esta não falta agora o dinheiro, de tal forma agravou as contribuições.

E, assim, indo-se buscar os géneros á sua origem, representando-se aos governos para que tabelem os que se produzem no país, mas no seu lugar de protecção, tabelamento que deve ser feito convenientemente e que deve ir successiva e gradualmente baixando, e constituídas as cooperativas operarios ou armazens municipais, a vida ha de melhorar, com certeza. E só então o operario saberá se ganha ou não o suficiente, se deve ou não fazer greves por questões de salarios.

O aumento de salario é que tem, principalmente, dado origem, servindo de pretexto, ao enorme agravamento da vida que mais cruelmente sobrecarrega os proprios que dele aproveitam.

Nem greves e muito menos assaltos; tudo isso só prejudica mais as classes que trabalham.

Orientação, energia e serenidade, é do que se precisa.

E acção, acção constante, mas dentro da lei e com ordem.

De contrario, com a gente que para ali temos a mandar, nada mais conseguiremos do que eiltas burlescos como esse que por assim nos ser pedido e para que se não diga que não auxiliamos as autoridades nas suas benéficas medidas, publicamos no lugar respectivo.

## VARIA

### Castelos e banquetes

A dissidência, se não fóra estúpida, teria o cuidado de só inventar calúnias que se não pudessem demonstrar com factos ou não a ferissem de recochete.

E, assim, não se teria referido ás preciosas madeiras do horto das Dominicás, porque, no arquivo da Câmara, devem existir documentos que provam que essas madeiras fóram cortadas para beneficiar o horto e muito tempo depois vendidas, legalmente, em hasta pública, a um mestre carpinteiro, que estava no seu direito de as empregar no castelo que tanto invejam, ou em qualquer outra obra de que tivesse tomado conta.

E, também, não falaria em banquetes e bailes, porque ainda não desapareceram de todo os vestígios que a dissidência deixou pelo Priorado, do tempo em que nelles tomava parte.

Mas... são estúpidos, e está dito tudo.

POLÍCIAS ?

Bolou fala, em um pomposo editorial, o talentoso e ce presidente da Comissão Executiva da Câmara, que é falta de competências lá pelo grupo, vem servindo de Administrador do Concelho.

Francamente nunca julgáramos que sua excelência fosse tão exuberante e tivesse tão apreciáveis ideias.

Estamos porem convencidos que se a capital chegar o famoso editorial não deixará o seu illustre autor de ser convidado para *alto commissario dos abastecimentos*, pois ninguém até hoje encontrou uma solução tão fácil para atenuar a crise de generos al mentios e baratear os seus preços. E apesar disso o processo era bem simples: fez-se de cada pessoa uma policia á ordem do administrador do concelho e já não havia falta de comestiveis nem gêneros caros. Foi essa a descoberta do sr. A. L. E não ria; senhores, po que sua excelencia deve ter precisado de um aturado estudo para chegar a esta important descoberta que o nos que lhe pôte mercede é na estalua em cada logar que o leitor achar conveniente.

Todos policias a auxiliar a autoridade administrativa! Esta é muito boa e só podia sair de uma cabeça tão talentosa como a do sr. A. L.

E é para isto que está na administração o vice-presidente da Comissão Executiva.

Pois se quer fazer alguma coisa de proveito para Guimarães, sr. A. L., resolva na Câmara a aquisição e venda de generos e deixe-se de editais ridículos, que o papel está muito caro. Todos policias ás ordens do sr. A. L. é que não vai nada.

8.º Grupo da Administração Militar

É possível que honvesse ingénios que ao ler o ultimo numero deste jornal julgassem que estavam graecjando quando atribuímos a Câmara toda a culpa de não termos instalado em Guimarães esta unidade militar.

Pois é inteiramente verdade, meus senhores.

Tão convencido ficou o illustre director geral dos serviços administrativos do Exército que estava a lidar com gente de caracter e tão firmemente acreditou nos compromissos com ele tomados pela vereação vimaraense que immediatamente tratou de escolher a officialidade que devia fazer parte deste grupo, tendo sido todos eles avisados e alguns mesmo chamados a Lisboa para receberem instruções.

É possível que em Guimarães se ignore este facto, aliás importantissimo a por isso queremos dá-lo e publico, para que ninguém vá julgar-nos falsos censuradores.

Dissemos e repetimos, para que não haja duvidas — Guimarães foi privada do 8.º Grupo de Administração Militar por exclusiva culpa da Câmara que não cumpria o compromisso que tomara.

Sabe-se até que houve deputados e senadores trabalhando em Lisboa para levar o Ministro da Guerra a desistir de colocar a unidade em referencia em Guimarães. Quem seria que tal fizesse?

Quem teria em tão pouco o progresso de Guimarães para tão afincadamente pretender privá-lo de um grande melhoramento? O leitor já advinhou...

Até ás orelhas

Incomodaram-se muito os da papeleta por termos dito aqui que se M. Felgueiras fosse advogado «nunca teria descido á inflâmia sem nome de extorquir dinheiro ás partes que o procurassem, com a promessa, á dentista de feira, de vencer a questão e a ascorosa e repelente afirmação de que parte desse dinheiro se destinaria á compra do colega advogado da parte contraria»

Muito aflictos, ladram-nos uma intimação para que dijamos «quem foi». A carapuça servelhes de tal forma, que a julgam já enterrada até ás orelhas. Sosseguem; ainda não chegamos a isso; a carapuça está feita para o que dec e vier, mas, por enquanto, não a largamos de mão.

Quanto a quererem-nos falar em nome dos advogados de toda a cidade, é petulância que estes lhes não admitem. Todos são sufficientemente nobres e honrados para que vão á dissidência buscar quem os represente.

Quem adiante não olha...

Razão tínhamos nos em censurar a direcção da Associação Commercial por não ter hasteado a sua bandeira no dia do aniversário da República.

E, senão, vejamos. Tendo agora, a Câmara dos Deputados aprovado o projecto de lei que passa para a administração do Estado o nosso Liceu, a mesma direcção mandou logo arvorar a sua rica bandeira e pôr á noite, quatro lampiões de luz amortecida, que mais faziam lembrar a cosinha de ferro que condus os mortos ao cemitério do que serviam de sinal de alarme para o grande regosijo.

Sempre é bom olhar adiante...

Cuidado com eles!

Não ha duvida de que a dissidência tudo pode.

Imaginem que, para fazer a vontade ao Dr. Florêncio Lobo, que quer, á força, ser professor do Liceu, conseguiu que ele fosse nomeado para uma vaga que não existe!

E, porque não pode vêr agora o Dr. João de Oliveira, visto este a ter zbanjonado, embirrou em que ele não seria nomeado professor do grupo para que concorreu. Embirrou e venceu. O Dr. João de Oliveira tinha a lei do seu lado; mas a dissidência, fértil em grandes expedientes, não hesitou; fez nomear, em seu lugar, o capitão Silva Ribeiro, que nem sequer tinha concorrido, porque, infelizmente, já morreu ha muito.

Mas o que é certo é que está nomeado e o Dr. João de Oliveira fica de fóra!!

Não é pêta; vem no «Diário do Governo.»

Noticiario

Antonio Justino Ferreira

A «Federação Escolar» trouxe-nos a grata noticia de que este nosso inolvidavel amigo vai ser transferido, como é seu desejo, do circulo de Pinhel para o de Oliveira de Azemeis.

Sentimos com isso satisfação é certo, mas nunca aquela satisfação que sentiríamos se a sua transferência se fizesse para o circulo de Guimarães que muito lhe deve e que de justiça lhe pertence.

Nós somos dos que sempre consideramos a transferência de Justino Ferreira deste circulo para o de Pinhel, como uma verdadeira injustiça e suprema afronta ao caracter dum funcionario recto e competente.

Julgavamos, pois, que o equivoco viesse a ser desfeito e que Justino Ferreira viesse a ocupar novamente, o seu logar entre nós.

E enganamo-nos. E, no entanto, tudo se teria conseguido se o feitto daquele nosso querido amigo fosse de molde a mendigar a protecção de alguém. Conheçemos muito bem a tempera do seu caracter e sabemos que elle nunca daria um passo para que lhe fosse feita justiça.

Justino Ferreira dirigiu o circulo de Guimarães, desde 1907 a 1914.

Quando para aqui veio, a instrução neste circulo estava completamente desorganizada.

As escolas estavam desprovidas de mobiliario e material didático. Na inspecção não havia estatísticas nem elementos, por onde se pudesse fazer idea do movimento escolar do circulo.

Justino Ferreira tudo fez. Organizou o cadastro do professorado. Dotou as escolas com o mobiliario e material de ensino suficiente. Tudo o que de boas escolas do circulo existe a elle se deve.

O professorado respeitava-o e elle sabia avaliar o valor de cada um.

Temiam no aquelles, que não tinham a consciencia do que faziam no cumprimento do seu myster. Odiavam-no aquelles que não queriam freio no cometimento das suas faltas.

Não é pois com entusiasmo que assistimos á transferencia do nosso querido amigo para Oliveira de Azemeis. No entanto damos-lhe daqui um grande abraço pelo prazer de o vermos muito mais perto de nós.

Ao Ex.º Sr. Director do Correio

Queixam-se-nos diversos assinantes do nosso jornal, mas principalmente os do concelho, de que lhes não é entregue «A Velha Guarda», quando a administração a envia semanalmente, a todos sem excepção.

Se o sr. director do correio nos ouvir e atender, procurando por todos os meios conseguir que o nosso jornal chegue a quem o assina, muito gratos lhe ficamos, além de prestar um bom serviço ao publico, pois que alguns senhores depositarios não cumprem o seu dever.

OBITUARIO

ANA ALVES

Na rua de D. João 1.º, desta cidade, faleceu, no dia 13 do corrente, a sr.ª Ana Alves, de 82 anos, viuva, proprietaria. A fluada se-

hora era mãe do nosso amigo sr. Antonio Alves Pinto, tia do nosso amigo e correligionario sr. Antonio Alves Martins Pereira e avó da esposa do tambem nosso amigo e correligionario sr. Alberto Gomes da Silva, ambos negociantes desta praça.

A familia em luto, especializando aqueles nossos amigos a expressão sincera do nosso vivo pesar.

A cidade a saque

A obra dos dissidentes

A' hora em que temos de fechar este jornal, o povo esfomeado, no mais lamentavel dos desvairamentos, está saqueando os armazens de viveres.

E' a obra da dissidência! E' o resultado da sua ineptia e do seu despreso pelos interesses do povo!

Já se sabia que se tinham planeado assaltos. Já se dizia o dia e a hora em que eles se dariam. E, entretanto que, em pleno coração da cidade, o povo saquea estabelecimentos comerciais, Sua Magestade Vaidosissima, El-Rei A. L., o Pitarata, Ha por bem decretar lérias, em vez de tomar as faceis precauções que teriam impedido tamanhos prejuizos.

O povo tem fome na epoca mais abundante, naquella em que se colhe o pão, porque confiou em autoridades que o traem.

Os que tem que perder, vêem os seus bens saqueados porque, por vingativa brincadeira de Gavroche sem nobreza, quizeram pôr a mandar e dirigir criaturas balófas, que só cuidam de locupletar-se e difamar a honra alheia.

Já não temos tempo, nem espaço para comentarios; publicamos a seguir o último edital da administração, e no próximo número falaremos.

S. R.

EDITAL

Antonio Lopes de Carvalho, Vice-presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal, servindo de Administrador do concelho de Guimarães:

Tornando-se necessário dar satisfação a justas reclamações das classes pobres e ainda porque se torna indispensável averiguar da veracidade da maior parte dos manifestos relativos á produção — Hei por bem determinar, para conveniencia e garantia da ordem pública, que, até ordem em contrario, não seja permitida a saída do milho produzido no concelho para fóra do mesmo.

Mais faço saber: Que toda a alteração da ordem pública, seja sob fundamento for, será reprimida com toda a energia; porquanto, como é evidente, nenhum sistema social pode funcionar em regime de desordem, de violência e de indisciplina.

Guimarães, Admici-tração do concelho, 17 de Novembro de 1920.

A. L. DE CARVALHO.

EDITAL

O PÃO E A ORDEM PÚBLICA

Sendo a principal função da autoridade da República manter por uma bem equilibrada e oportuna acção de prevenção o principio da ordem pública; e não podendo, como é obvio, assegurar-se eficazmente a ordem nas ruas quando a mesa dos lares pobres mingua o pão de cada dia, queremos porisso apelar mais uma vez para as qualidades de ponderação e de prudência dos senhores proprietarios no sentido de ver assegurado á população menos abastada e normalmente ás classes trabalhadoras o milho necessário para o seu consumo.

Havendo é certo o governo da República estabelecido o livre trânsito das mercadorias e simultaneamente eliminado o tabelamento dos generos, não podem todavia tais medidas justificar o desaforo insolito da alcataria dos regatões, porquanto o espirito da lei apenas autorisa o commercio licito, o que não é, não pode ser de modo algum, o uso e abuso dessa mercancia de que resulta a escassez e a alta dum producto — o primeiro da alimentação pública.

A quem, pois, aproveite a letra deste edital pedimos que nos ajude a fazer a defeza da ordem pública; tanto bastando para isso que todos, produtores e consumidores, não nos alheemos das responsabilidades inerentes á hora critica que a velha sociedade atravessa, opondo-lhe como remédio ou mera previsão do futuro um poucoquinho de — amor do próximo.

Guimarães, 13 de Novembro de 1920.

O vice-presidente da Câmara, servindo de Administrador do Concelho,

A. L. DE CARVALHO.

Casa n'Aldeia

Pretende-se alugar nas proximidades de Guimarães.

Resposta ao Hotel Central, quarto 22 — Fafe.

Banjelim

Compra-se, em bom estado.

Nesta redação, se diz.